



Tailor Report

Relatório de Mercado

Semana 14/07 -18/07



Tailor Made

 Tereos

Macroeconomia

O cenário macroeconômico recente tem sido fortemente influenciado pelo anúncio do presidente norte-americano Donald Trump sobre a imposição de tarifas de 50% às importações de produtos brasileiros a partir de 1º de agosto. A medida representa um novo capítulo na política comercial externa dos EUA, reacendendo preocupações globais sobre os efeitos protecionistas nas cadeias de produção e no comércio internacional.

No Brasil, os primeiros impactos começaram a ser sentidos por setores como o de mel orgânico e pescados, que anteciparam embarques na tentativa de evitar a nova taxa. Embora a exportação de açúcar não deva ser significativamente afetada, o etanol aparece como um setor sensível, já que os Estados Unidos respondem por cerca de 22% das exportações brasileiras desse biocombustível. O Nordeste, que depende da importação de etanol americano, pode ver os custos aumentarem caso o Brasil decida retaliar.

Além dos efeitos diretos sobre setores exportadores, a medida gerou reação imediata no câmbio, com forte valorização do dólar frente ao real. Esse movimento pressiona a inflação e dificulta a trajetória de queda da taxa de juros, atualmente em patamar elevado, o que pode desacelerar a economia brasileira. Em resposta, o governo Lula tem buscado fortalecer o diálogo com o setor privado e manter uma estratégia diplomática firme, mas sem descartar o uso da lei da reciprocidade. Ao mesmo tempo, a retórica do governo norte-americano, que justificou as tarifas com base em argumentos políticos e em críticas ao STF brasileiro, elevou o tom político da crise comercial. O governo brasileiro também enviou uma nova carta formal aos EUA rebatendo as acusações e destacando que o déficit comercial acumulado com os americanos, nos últimos 15 anos, supera US\$ 400 bilhões.

No cenário externo, as tarifas de Trump não se limitam ao Brasil. México, União Europeia e até a Rússia estão na mira das novas medidas protecionistas.

A UE, por exemplo, recebeu notificações de tarifas de até 30% e tenta avançar em negociações para evitar a aplicação das sanções. Já a Rússia foi ameaçada com tarifas de até 100% caso não haja progresso no conflito com a Ucrânia. Essas decisões reacenderam preocupações nos mercados globais quanto aos efeitos inflacionários e ao potencial de desaceleração da economia global, principalmente porque tarifas sobre produtos estratégicos como cobre, farmacêuticos, aeronaves e commodities agrícolas podem pressionar os custos de produção nos EUA e no mundo.

Os dados econômicos americanos mais recentes mostram uma inflação ao consumidor (CPI) em alta de 2,7% em 12 meses até junho, e um índice de preços ao produtor (PPI) que permaneceu estável em junho, refletindo os efeitos iniciais das tarifas e estoques ainda não repostos. As vendas no varejo cresceram 0,6% no mesmo período, impulsionadas em parte pelo repasse de preços. A resiliência do mercado de trabalho, com pedidos de auxílio-desemprego abaixo do esperado, indica que o consumo segue firme, ainda que com sinais de moderação. No entanto, a inflação ainda resistente pode levar o Federal Reserve a manter os juros em níveis elevados por mais tempo, o que fortalece o dólar e influencia negativamente moedas emergentes como o real.

Internamente, os desdobramentos políticos da crise tarifária também impactaram a popularidade do governo. Dados da Quaest apontam que o embate com Trump ajudou a conter a queda da aprovação do presidente Lula, sobretudo entre eleitores de renda média e escolaridade mais alta. Enquanto isso, a decisão do STF de restabelecer o aumento do IOF — com exceção de operações de risco sacado — reforça o esforço fiscal do governo, embora continue sendo tema de disputa com o Congresso.

Por fim, o ambiente global segue marcado por incertezas comerciais, tensões diplomáticas e volatilidade econômica. A postura agressiva dos EUA nas tarifas, somada ao cenário interno brasileiro de inflação pressionada e juros elevados, forma um quadro desafiador que exigirá cautela tanto na política econômica quanto na diplomacia comercial.



Mercado Sucroenergético

A semana no mercado de açúcar foi marcada por oscilações influenciadas por fatores agrícolas, industriais e externos, com o contrato de NY tentando se consolidar acima dos 16,50 c/lb após registrar mínimas durante o vencimento da tela de julho. O gatilho inicial da queda dos preços foi o relatório da UNICA, que apresentou um mix açucareiro recorde de 53,10% na segunda quinzena de junho, contribuindo para uma produção de açúcar acima da média histórica. No entanto, os fundamentos agrícolas seguem fragilizados, com o ATR acumulado da safra em queda de 4,79% e a produtividade agrícola reduzida em quase 11% no trimestre, resultando em uma perda de mais de 15% no ATR por hectare. Apesar do mix compensar parcialmente essas perdas, o desempenho do TCH em junho – abaixo do observado em maio – reacendeu o alerta sobre a possibilidade de a moagem do Centro-Sul não superar as 600 milhões de toneladas.

Esse descompasso entre a eficiência industrial e a deterioração da matéria-prima levou o mercado a revisar suas expectativas de produção. Exercícios com cenários mais pessimistas já indicam uma possível produção total abaixo das 40 milhões de toneladas, com a curva de ATR projetando 135,09 kg/ton e moagem estimada em 608 MMT. O mercado, portanto, passa a precificar um “preço justo” mais elevado, refletido na inclinação da curva e fortalecimento dos spreads da safra 2025/26, mesmo com um cenário ainda dominado por fundos especulativos com posição líquida vendida de mais de 132 mil lotes — a maior posição bruta vendida desde 2019.

No campo externo, surgiram fatores adicionais com potencial altista. Na Europa e Índia, infestações em lavouras e excesso de chuvas têm gerado incertezas sobre a produtividade, reacendendo o radar para possíveis riscos do lado da oferta. Contudo, esses fatores ainda são incipientes para uma reversão de tendência imediata. Por outro lado, o Paquistão sinalizou uma redução drástica em suas importações para apenas 50 mil toneladas — frente às 300 mil previstas —, reforçando o viés de oferta ampla no mercado físico no curto prazo.

Os preços em reais seguem oscilando próximos de R\$ 2.100 por tonelada com polarização, sustentados também por um dólar firme próximo a R\$ 5,58. Apesar da margem ainda apertada para fixações, esse patamar já serve de base defensável frente à curva de custos do setor. No etanol, o desempenho das saídas de hidratado em junho foi positivo, com 1,71 milhão de m³, acima da média da última década, impulsionado pela paridade favorável frente à gasolina, especialmente em São Paulo.

Encerrando a semana, o contrato de NY recuperou parte das perdas recentes, sendo cotado a 16,74 c/lb. Essa reação, embora ainda moderada, sinaliza um possível ponto de inflexão caso novas revisões de produção do Centro-Sul ganhem força e provoquem um movimento de recompras por parte dos fundos. Para os produtores, o cenário recomenda aproveitamento de possíveis rallies de preço diante da expectativa de um superávit global no quarto trimestre. Já os compradores seguem atentos, com estratégias de proteção imediata em R\$/saca ganhando tração, em meio à persistente volatilidade do câmbio e fundamentos agrícolas ainda frágeis.

Mercado Sucrenergético

ICE #11 V25 (OUT'25)



Clima & Tempo

O mês até agora tem sido muito seco, com pouca ou nenhuma chuva na região canavieira do Centro-Sul e níveis de precipitação abaixo da média histórica. Ainda que as chuvas acima da média em junho tenham ajudado a manter o balanço hídrico, a seca de julho agravou a situação atual. Os estados de Mato Grosso, Goiás e Minas Gerais estão entre os mais afetados pela falta de chuvas, e Ribeirão Preto já atingiu níveis críticos. Embora essa queda sazonal no balanço hídrico seja esperada, os níveis gerais do Centro-Sul ainda permanecem acima da média. No entanto, se o período seco persistir, os níveis podem cair abaixo da média histórica nas próximas semanas. A previsão europeia indica continuidade do clima seco nas próximas duas semanas, semelhante ao que foi observado na primeira quinzena do mês, enquanto o modelo americano aponta para algumas chuvas em MT, GO e MG no fim do mês. O modelo europeu de temperatura apresenta uma previsão mais conservadora, com a maior parte da região Centro-Sul devendo registrar mínimas entre 10°C e 14°C nas próximas duas semanas. Em contraste, o modelo americano prevê quedas mais acentuadas, com mínimas podendo atingir entre 4°C e 8°C no PR, MG e SP ao final do mês.

Este documento foi preparado pela Tereos (a "Companhia") com o único objetivo de atualização semanal dos fundamentos do Mercado de Açúcar. Este documento contém certas declarações que são prospectivas. Essas declarações se referem, em particular, às previsões da Companhia, sua expansão de operações, projeções, eventos futuros, tendências ou objetivos que estão naturalmente sujeitos a riscos e contingências que podem levar a resultados reais que diferem materialmente daqueles explicitamente ou implicitamente incluídos nessas declarações. A Companhia, assim como suas afiliadas, diretores, consultores, funcionários e representantes, se eximem expressamente de qualquer responsabilidade por tais declarações prospectivas. A Companhia não se compromete a atualizar ou revisar as declarações prospectivas que podem ser apresentadas neste documento para refletir novas informações, eventos futuros ou por qualquer outro motivo, e qualquer opinião expressa nesta apresentação está sujeita a alterações sem aviso prévio. Este documento não constitui, ou faz parte de uma oferta ou convite para vender ou comprar, ou qualquer solicitação de qualquer oferta para comprar ou subscrever quaisquer valores da Companhia em qualquer jurisdição. Este documento não deve constituir a base de, ou de que depende, em relação a qualquer contrato ou compromisso. Observe que todas as porcentagens incluídas na apresentação a seguir podem ser calculadas em números não arredondados e, portanto, podem variar das porcentagens calculadas em números arredondados.